

MEMORIAL DE LEITURA: TATUAGENS DE MINHA LEITURA DA ‘PALAVRAMUNDO’

Juliana de Freitas Dias¹

ju.freitas.d@gmail.com

Resumo: Compartilho, por meio do gênero ‘memorial de leitura’, a forma como desvendei minha leitura de mundo com base no encontro com o texto de Paulo Freire – A importância do ato de ler. Nesse texto, o renomado autor elabora suas reflexões a partir dos relatos de suas próprias vivências de infância, fala sobre suas primeiras experiências de leituras de mundo e leituras das palavras. Marcada por essa grata inspiração, teço, neste texto, minha história pessoal de leitura da ‘palavramundo’ assentada nas lembranças mais remotas de minha vida. Ao explorar esse gênero na universidade, engajada na minha prática docente, portanto política, alimento uma profícua discussão sobre o tema com a leitura de meu próprio memorial. É assim que inauguro minha entrega à escrita de textos com marcas explícitas de autoria e que convido, a cada semestre, centenas de estudantes universitários, matriculados em disciplinas de produção textual na Universidade de Brasília, a se entregarem a essa rica e instigante aventura que é recordar e organizar os sentimentos das narrativas de vida, a fim de apresentá-las em linguagem escrita. Imbuídos todos em uma vivência real e profunda de suas identidades pessoais, revisitam espaços, encontros, desencontros, delícias e amarguras específicas das primeiras leituras, não só das palavras, mas, sobretudo, do mundo que nos cerca. Assim, essa iniciativa dá uma nova vida para a célebre frase de Paulo Freire: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, por meio de um exercício despretensioso na forma, mas audacioso no projeto.

Palavras-chave: Memorial de leitura. Leitura de mundo. Identidade. Autoria.

[...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos (FREIRE, 1989, p. 13).

A lembrança mais remota que guardo acerca da minha leitura de mundo remete a uma época difícil para minha família, especialmente em termos financeiros, mas que para mim, apesar disso, significava alegria, descobertas e tranquilidade própria da primeira infância.

Morávamos em uma casa simples com uma garagem à frente e um “enorme” quintal – a meu ver – nos fundos.

Tínhamos um cachorro (pra dizer a verdade, era uma cadela) cujo lombo fora de muita valia para as minhas brincadeiras. Lembro-me de ter, certa feita, oferecido – com

¹ Doutora em Linguística. Professora adjunta da Universidade de Brasília/ Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.

determinação – minhas quatro chupetas à Samanta (esse era seu nome) no dia em que meu pai prometeu-me uma deliciosa (hum!) pamonhada, em troca, claro, do abandono dos bicos.

Comer pamonhas, folhear ‘lendo’ gibis e sonhar em ir para a escola (como meus irmãos) – eis a sonhada felicidade de uma criança de 3 aninhos, eis a base da minha felicidade.

Ainda me lembro do barulho da chuva misturado ao cheiro de casca de mexerica e à sensação do ‘vaporzinho’ que saía quando espremia as cascas no meu braço para ‘colar’ partes do gibi em meu corpo. Era assim o meu primeiro contato com as histórias, um encontro com cheiro de fruta cuja apreensão do objeto de leitura se dava no corpo e não na mente. Foi assim que minha leitura inicial de histórias foi mediada por um sentido diferente da visão – será que poderia considerar ter sido pelo tato, ou antes, pela mistura dos sentidos humanos? O cheiro inigualável da mexerica, a degustação lenta dos gomos junto à escolha dos quadrinhos de gibi, tudo isso com o barulho da chuva batendo suavemente na janela e o vaporzinho na pele ao espremer a casca... Ah! Que sensação! Pregar com força parte de uma história colorida e fantástica em meu braço fazia nascer uma sensação indescritível...

Tudo isso entremeava minha leitura: de ambiente, de gosto, de seleção e de “tatuagens” diferentes, uma história gravada na minha própria pele. Acredito que além dos cinco sentidos, havia um algo mais. Esse algo mais decorre da imensa alegria e expectativa que sentia no meu íntimo, ao colar a história no corpo e, principalmente, ao desgrudar o pedaço de papel dos braços. Vislumbrava a história do outro em mim, era uma apropriação – desonesta talvez – da autoria. Essa brincadeira dava-me a sensação de poder, de confiança, de autoria mesmo. E como falta essa emoção, essa apropriação nas crianças de hoje, quando nos referimos à leitura/escrita na escola.

Com o tempo, fui vivenciando outras leituras de mundo. Lembro-me de uma vez estar correndo na garagem ao redor de um Corcel velho de meu pai (quantas aventuras com este Corcel, daria mais cinco páginas de leitura, que resolvo deixar para outra ocasião). Naquela brincadeira, eu imaginava que deveria circular sem parar em volta do carro, desafiando o pequeno espaço que havia entre o veículo e as paredes descascadas. Foi em uma dessas curvas que bati os dois joelhos no para-lamas de metal e me ‘esborrachei’ no chão. Se me machuquei? Bastante, fiquei com os dois joelhos feridos (ferimento daqueles comuns na infância que dói, sangra, é grande e que com o tempo cria casca, a gente arranca mesmo sentindo tontura e suando frio). Essa aventura ensinou-me a ler os limites espaciais do carro na garagem de casa.

Engraçado, que pensando bem, lembro-me de outra leitura que fiz deste episódio: na mesma ocasião machuquei levemente o dedo polegar na queda – um machucadinho simples,

mas bem dolorido. Quando minha mãe foi tratar do ferimento dos joelhos, eu gritava chorando e dizendo: – Aquele não, mamãe! Esse aqui ó, dói mais!

Como algo tão pequeno e superficial, às vezes, dói mais do que aquele violento machucado dos joelhos? Minha primeira leitura dessa realidade deu-se nesta ocasião.

Inúmeras leituras de mundo povoaram, pois, minha (e de todos nós) vida infantil, juvenil e agora, na atualidade. São leituras incessantes que permeiam todas as nossas relações sociais em diversas ocasiões. Creio, porém, que ainda falta realizar uma leitura de mundo para a maioria das pessoas: refiro-me à leitura do mundo interior do ser humano, das sensações profundas e pessoais, das diferentes maneiras que o ‘eu’ encontra para exteriorizar sentimentos e ressentimentos, para externar a própria identidade que está em constante movimento: construção, desconstrução, reconstrução...

Essa é uma leitura crucial no século XXI, creio ser um desafio nesta época de fragmentação da identidade social, cada vez mais híbrida em face dos processos de globalização da pós-modernidade. Mas essa é uma outra história...